

MOBILIZAÇÕES SOCIAIS NA FRANÇA

Mural Produzido em:

07/2006

Coordenação:

Carla Luciana Silva

Luis Fernando Guimarães Zen

Acadêmicos:

Priscila Marchini Marins

Rita de Cássia S. Kneib

Gervasio Cezar Junior

Gabriel Paiva

Carlos Mauricio Trindade

Fernando Chlad

VITÓRIA DAS RUAS: mobilização popular derruba proposta neoliberal *na França*

Luis Fernando Guimarães Zen

A França atualmente tem a quinta maior economia mundial e é considerada um dos pilares do capitalismo na Europa. Sua longa trajetória de lutas populares vem desde a sua famosa Revolução de 1789, quando parte da população derrubou a nobreza e o clero do poder e instituiu um governo pautado pelo grande marco ideológico da Revolução, conhecido por seu lema de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade.”

Além da “gloriosa” Revolução, a França passou em diversos momentos de sua História por situações que levaram o povo às ruas, dessa forma, constituíram-se naquele país, diversos movimentos populares que até hoje vão às ruas para protestar e reivindicar seus direitos. Vale lembrar que em 1871, a Comuna de Paris chegou a instituir um governo popular que comandou Paris durante sessenta e dois dias e só foi deposta devido a uma rápida e violenta ação militar do exército francês.

Em maio de 1968 ocorreram várias manifestações em diversos países, tendo como maior expoente dessas manifestações o “Woodstock” nos EUA. Maio de 1968 ficou conhecido por uma série de manifestações populares que protestavam contra o avanço do capitalismo e principalmente pelo fim das guerras, entre elas a do Vietnã. Nessa ocasião a Universidade da Sorbonne em Paris, teve papel importante nas manifestações parisienses quando a Universidade foi ocupada pelos estudantes e posteriormente com o apoio dos trabalhadores protagonizaram as manifestações naquele país. Embora em 1968 a grande maioria dos jovens não tivesse seus objetivos bem definidos, nos acontecimentos de 2005 e 2006, a pauta das discussões tem bandeiras de luta bem concretas que são a redução do desemprego e a retirada do projeto de lei da “Igualdade de Oportunidades”.

Mais recentemente os estudantes franceses derrubaram a contra-reforma universitária em 1986 e rejeitaram o salário mínimo juvenil em 1994. A maioria da população francesa (55%) em maio de 2005 votou contra a Constituição Européia e como não poderia deixar de ser dito, lembramos os episódios do final de 2005 quando milhares de jovens desempregados das periferias das grandes cidades francesas saíram às ruas queimando carros e quebrando vitrines das lojas, após violentos confrontos com a polícia.

Aproveitando-se da situação, o governo francês lançou o projeto do Contrato de Primeiro

Emprego (CPE), alegando que essa era uma proposta para resolver o problema da falta de empregos no país que chega aos 23% em toda a França e à casa dos 40% entre os jovens. Essa “flexibilização” faz parte de um projeto do governo Chirac e do primeiro ministro Dominique Villepin, chamado de “Igualdade de Oportunidades” que previa entre outras coisas, baixar a idade mínima para aprendizes de 16 para 14 anos e liberar o trabalho noturno a partir dos 15 anos de idade.

O projeto ainda vai mais além. A proposta de Chirac-Villepin ataca diretamente a estabilidade de emprego, dessa forma, os empresários poderiam demitir seus empregados (menores de 26 anos) sem justificativa e com aviso prévio de até quinze dias e com custos mínimos. A estabilidade no emprego só seria conquistada após dois anos de trabalho.

Hipocritamente, se anuncia que a nova lei seria para resolver o problema do desemprego e com isso evitar que se repetissem as cenas de novembro de 2005, essa é uma tendência geral do neoliberalismo. Com o fim das regulamentações trabalhistas sob uma bandeira da livre negociação entre patrões e empregados, pretende-se baixar ainda mais os custos de produção através de baixos salários e aumento da exploração dos trabalhadores, com isso poderia aumentar o lucro das empresas.

A política neoliberal pretende basicamente diminuir a presença do Estado, dessa forma, setores como educação, saúde e outros setores básicos da sociedade, passam a ser regidos pela iniciativa privada. Universidades, colégios e hospitais públicos e uma legislação trabalhista, representam para o capitalismo mundial obstáculos que devem ser superados, e para isso não serão medidos esforços. Somente com o fim dos direitos básicos dos trabalhadores e estudantes é que serão criadas as condições ideais para mais uma etapa de avanço do capitalismo.

Políticas neoliberais são adotadas em diversos países diariamente. No Brasil, podemos facilmente citar exemplos de avanços do neoliberalismo, recentemente no governo de Fernando Henrique Cardoso o país passou por uma série de privatizações de empresas estatais que passaram a ser controladas por multinacionais, ou seja, pela iniciativa privada.

Com relação aos trabalhadores e estudantes podemos citar as tentativas de implantação da “flexibilização das leis trabalhistas” proposta por FHC e mais recentemente pelo projeto de Reforma Sindical, Trabalhista e Universitária propostas pelo governo Lula e que só foram parcialmente engavetadas devido aos escândalos do mensalão. Vale lembrar que o atual governo já aprovou a Reforma da Previdência e alguns pontos da Reforma Universitária. Esses pontos são característicos de uma política neoliberal, como é o caso do Brasil que vem seguindo as plataformas de governo impostas pelo FMI e Banco Mundial.

É nesse sentido que episódios como os da França devem ser encarados como vitória dos movimentos populares contra o avanço do neoliberalismo. A retirada de pauta do Contrato do Primeiro Emprego não representa uma conquista popular e sim uma vitória pela permanência dos

direitos dos trabalhadores e uma derrota do capitalismo.

Essa é mais uma prova de que a organização dos trabalhadores e estudantes e das manifestações populares pode dar resultados positivos. Também não precisamos somente nos espelhar no exemplo francês, recentemente tivemos uma experiência aqui mesmo no Paraná que foram as manifestações contra a venda da Copel. O “fora Collor” e os protestos pelo fim da ditadura militar nos deram demonstrações de como as manifestações populares podem nos trazer resultados positivos. O caso francês é uma prova de que nem tudo está perdido e que esse pode ser um exemplo a ser seguido em outras partes do mundo.

Mai de 1968: protesto contra a exploração capitalista

Priscila Marchini Marins

O período marcado pela greve geral iniciada pelo movimento estudantil francês em maio de 1968 mobilizou setores da classe operária, dos sindicatos, dos professores, de diversos profissionais e toda a população francesa num movimento contra o sistema capitalista - e sua lógica própria de expansão – e contra as formas sociais de autoridade estabelecida e fixa. Em 1968, descontentes com a disciplina rígida, os currículos escolares e a estrutura acadêmica conservadora, estudantes de Paris organizam protestos que levam à ocupação da Universidade de Nanterre, de Sorbonne e outras Universidades francesas contra a situação social e política do país.

Havia uma profunda desconfiança em relação ao estabelecimento de qualquer autoridade definida, qualquer que fosse a “imaginação” política em que ela se situasse. Criticava-se não somente o poder estabelecido e dominante, não apenas as relações de exploração, mas toda e qualquer forma de dominação. Criticava-se também, a generalização de redes de poder no interior da vida cotidiana. O conhecimento, as escolas, as organizações políticas, as associações, as instituições, as empresas, a linguagem e a moda, as relações de gênero e a família passavam a ser percebidas como produtoras também de disciplinas, hierarquias, controle e sujeição.

Jovens e trabalhadores protestavam contra a situação do pós-guerra, as guerras e as ocupações imperialistas. Denunciavam a exploração capitalista e todas as modalidades de organização da vida social submersa ao poder, a sujeição, a discriminação e a exclusão. A maioria eram favoráveis de idéias esquerdistas, comunistas ou anarquistas. Muitos viram como uma oportunidade para sacudir os valores da “velha sociedade”, dentre os quais suas idéias sobre educação, sexualidade e prazer. A radicalidade da contestação recusava soluções prontas e acabadas, que destituíssem a participação popular e se erigissem em representantes unitárias e postadas acima dos demais. Recusava também saberes que se considerassem acima da sociedade, explicando-a e formulando alternativas, sem levar em conta a participação direta.

As manifestações podem ser vistas através de slogans criados como: É Proibido Proibir, O Poder Está nas Ruas e A Imaginação no Poder.

Contra hegemonia, movimentos antiglobalização

Carlos Mauricio Trintade

“Somos um exército de sonhadores, é, por isso que somos invencíveis”. Subcomandante Marcos. EZLN

Hoje o imperialismo estadunidense e suas marionetes neoliberais, sob a máscara do FMI, OMC e G8, fazem promessas hipócritas sobre a diminuição da fome mundial e a renegociação das dívidas dos países subdesenvolvidos, enquanto no “mundo real” pessoas morrem e vendem sua força de trabalho de maneira subumana para sustentar a nova ordem que o capital impõe.

Após a Segunda Guerra Mundial, as massas trabalhadoras através da luta conquistaram, através do “bem-estar social”, direitos trabalhistas, em que o estado aparece como intermédio entre o capital em ascensão e os trabalhadores. Com a estruturação de reformas, o estado tenta demonstrar que não era necessário a tomada de medidas mais radicais pelos trabalhadores. Nos anos 70 o plano socioeconômico do “bem-estar social” demonstra insatisfação por parte do capital, agora não tão promissor com a Segunda Guerra Mundial. Neste contexto é introduzido o plano neoliberal em que o estado muda de papel, com o intuito de retirar todos os direitos trabalhistas adquiridos pela classe trabalhadora.

Nos anos 90 as reformas chegaram a tal ponto que as massas trabalhadoras continuamente saem às ruas para se opor contra este capitalismo selvagem que tenta mercantilizar tudo e todos, demonstrando oposição a suas políticas liberais. O primeiro movimento antiglobalização que organizou resistência ao capitalismo, foi o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) em Chiapas no México, organizando eventos com o intuito de formar unidade na luta camponesa. Esses movimentos denominados antiglobalização, sem partidos políticos, movidos somente pela ideologia, unem-se sob uma só bandeira para contestar esta nova ordem mundial em ascensão imposta pelo capital.

Na virada do século XXI explodem manifestações em oposição a organizações internacionais neoliberais. Em 30 de novembro de 1999, em Seattle unem-se anarquistas, antimilitaristas, marxistas, feministas, ecologistas, ligas camponesa, organizações humanitárias, uniram-se contra a globalização numa reunião da OMC. Nesta ocasião a organização dos manifestantes chegou a tal ponto que, alguns delegados da cúpula não conseguiram chegar à reunião. Esta manifestação tomou proporções gigantescas tomando não somente as ruas de Seattle, mas várias cidades do EUA e do mundo.

Em todo mundo movimentos antiglobalização organizam-se para tomar decisões e opor-se sobre o rumo do neoliberalismo e da globalização, mostrando força em sua oposição.

Para a direita a oposição francesa se mostra doentia, quando as ruas são tomadas por estudantes e trabalhadores organizados na luta contra a política neoliberal. Em Seattle desde 1999 a luta contra a globalização ganha dimensões. E nos muros pichados daquela cidade estava escrito: “ ... a luta começou e a primeira batalha já foi vencida...”

A Revolta dos Imigrantes

Fernando Chlad

No dia 27 de outubro de 2006, em Clichy-sus-Bois, na França, teve início a revolta dos imigrantes contra o racismo e o preconceito religioso francês. Os rebelados atearam fogo em carros e apedrejaram prédios e policiais. Após o ocorrido a imprensa não tardou em chamá-los de “baderneiros e incendiários”, mas não se preocupou em mostrar o “porque” do levante. Mas antes de qualquer coisa é necessário falar dos problemas que afligem a população imigrante na França, para que se entenda a razão de toda essa raiva.

Após o término de seu domínio sobre o norte da África, a França deixou para trás nações social e economicamente prejudicadas, incapazes de lidar com a pobreza da população, que se viu atraída pela metrópole, que, na época pós II Guerra, havia perdido boa parte da sua riqueza nacional e passou a acolher os imigrantes, que assumiam os trabalhos pesados tão necessários à recuperação da França. Porém, na década de 70, quando a reconstrução das infra-estruturas já estavam praticamente concluídas e os empregos saturados, os imigrantes deixaram de serem bem-vindos, passando a serem atacados pela população racista e xenófoba.

Atualmente se encontram em situação precária, nas *cites* (conjunto de precários edifícios do Estado, semelhante a Cohab brasileira) o índice de desemprego atinge 21% (o dobro da média nacional francesa), entre as mulheres sobe para 38%, entre os africanos com ensino superior é de 26,5%, e para os franceses de mesma formação apenas 5%. (dados do governo francês) Ter nome ou sobrenome estrangeiro (especialmente africano ou árabe), pele mais escura e residir em alguma *cite* ou ter estudado nas escolas dessas áreas já torna quase impossível conseguir um emprego, restando apenas os trabalhos precários e mal pagos, ou a miséria e a criminalidade.

O início de toda essa revolta se deu quando dois jovens de origem africana morreram carbonizados em um transformador de energia e um ficou gravemente queimado, enquanto tentavam fugir da polícia; a primeira versão oficial era a de que estavam roubando, mas tal versão era falsa, estavam apenas jogando futebol, e correram da polícia por não terem os documentos de imigração. A mentira da polícia provocou a ira da população imigrante e o começo da violência. Apesar das tentativas de algumas organizações (principalmente muçulmanas) em acalmar os jovens, o ministro do Interior Nikolás Sarkozy preferiu incitar mais revolta, enquanto se utilizava da política de “tolerância zero” e batidas policiais contra populares (*rafles*) para se promover, já que pretendia concorrer à presidência nas eleições de 2007.

Com toda a repressão racista, a rebelião acabou por se espalhar, do centro de Paris passou para outras cidades, como Marselha e Lyon, e até para outros países com alto número de imigrantes, como a Alemanha e a Bavária. Como resposta aos molotovs, pedras e carros incendiados, o governo

se utiliza da pura repressão, tendo até autorizado o estado de emergência (baseado em uma lei de 1955, criada para impedir a guerra de libertação na Argélia, permite coisas como proibir circulação de pessoas, zonas de segurança, expulsar qualquer um que “atrapalhe” o poder público e controlar a imprensa; nunca foi aplicado na metrópole, nem mesmo em maio de 68), acreditando que a violência irá conter as insurreições dos imigrantes.

Mesmo que a “paz” seja realmente alcançada por meio de tal repressão, será apenas uma solução temporária, pois não resolve de fato os problemas dos imigrantes, apenas reprime a raiva neles contida, que, da próxima vez que se libertar, certamente será muito mais forte e destruidora.

França: juventude e trabalhadores na luta contra o neoliberalismo

Gabriel A.G. Paiva

Gervasio Cezar Junior

A vitória da juventude francesa mostrou que só através da organização da juventude com os trabalhadores poderemos enfrentar a política neoliberal e os centristas burocratas que buscam barrar o movimento de organização das massas. Quando o caso é a França, a população daquele país já nos mostrou historicamente a disposição em lutar, como em maio de 68, até mesmo a Comuna de Paris, primeira experiência moderna de um governo operário popular.

No ano de 2006, quando a juventude e a classe trabalhadora mais uma vez sentiram que estavam prestes a perder direitos alcançados há anos, iniciaram então uma Greve Geral contra os métodos neoliberais que o atual governo buscava implementar. O movimento francês através de suas mobilizações conseguiu derrubar uma série de novas Leis que haviam sido aprovadas pelo Congresso em fevereiro de 2006. Dentre as principais conquistas deste movimento tivemos a derrubada do Contrato de Primeiro Emprego (CPE) de Chirac/Villepin/Sarkozy.

O CPE, em síntese, consistia na possibilidade do patrão em demitir seus empregados de até 26 anos por justa causa, dentro dos primeiros dois anos do contrato. Esta denominada flexibilização do trabalho é a desregulamentação do direito dos trabalhadores, tendo em vista um menor custo de produção em geral, fato que beneficia somente aos patrões. Sua implementação tem como objetivo atender as exigências da pauta neoliberal, e daria aos patrões direitos autoritários e abusivos, como por exemplo, o de demitir o empregado a qualquer instante e sem nenhuma justificativa. É como se o trabalhador fosse um objeto, quando esse deixa de ter sua utilidade é descartado.

A França, como o Brasil, vive diante de uma conjuntura de sucessivos ataques a direitos historicamente conquistados pelos trabalhadores e pela juventude. Desta forma, percebe-se cada vez mais a necessidade de organização e mobilização da comunidade no sentido de contrapor-se às políticas neoliberais. A juventude francesa percebendo que ali se iniciava uma reformulação do sistema trabalhista, não ficou de braços cruzados e foi às ruas protestando contra essa e outras Leis aprovadas e outras que estavam prontas para serem.

Na França em oposição às entidades como a UNE (União Nacional dos Estudantes) no Brasil e a sindicatos burocratizados, aparece a participação de milhares de estudantes em assembléias universitárias. Estes elegiam delegados para a coordenação nacional, que de acordo com os estudantes tomavam os rumos do movimento. No Brasil após o governismo da UNE e da CUT, acreditamos que chegou a hora de uma nova política de organização direta entre juventude e trabalhadores. No Brasil a Conlute (Coordenação Nacional de Lutas dos Estudantes) surgiu como forma de reorganizar o movimento estudantil e a Conlutas (Coordenação Nacional de Lutas) para

reorganizar a classe trabalhadora e aglutinar todos os movimentos num projeto político que vise derrubar os projetos neoliberais.

Em suma, a juventude francesa como frente do movimento e sua experiência tem que servir de base aos nossos movimentos. Não será fechando nossos olhos para os fatos que derrotaremos as práticas capitalistas, neoliberais e imperialistas, ou mesmo seus tentáculos como a falta de professores ou de recursos para a educação. Temos que nos levantar, como fizeram os franceses, e mostrar resistência contra estas e não deixar que reformas como a Reforma Sindical, Trabalhista e Universitária sejam implementadas. Como disse Marx *“a nossa história, é a história da luta de classes”*. Portanto vamos dar continuidade à luta!

Será que somos bem informados?

Rita de Cássia S. Kneib

Qualquer brasileiro telespectador do Jornal Nacional ou leitor da Folha de São Paulo deve sentir a mesma angústia perante as notícias sobre as manifestações na França. *Por que jovens cheios de saúde e com tanta força para trabalhar se revoltariam contra uma lei trabalhista? Porque teriam medo de serem mandados embora, já que o mercado de trabalho é dos jovens? Reclamam de barriga cheia. Só querem fazer bagunça.* Entre outros, esses pensamentos são comuns aos brasileiros que se sentem informados pela Grande Mídia. E não poderia ser diferente, já que ao falarem das manifestações francesas ela usa adjetivos pejorativos como vândalos, baderneiros, para os jovens manifestantes, e chama de distúrbios as ações deles.

Mas será que nenhum desses brasileiros comuns se pergunta o que é essa tal lei de Contrato do Primeiro Emprego? Provavelmente não. Porque para a mídia neoliberal, o nome da lei já fala por si só, não é necessário contextualizá-la, muito menos explicá-la. Mas para não ser acusadas de negligenciadores, os grandes jornais e revistas brasileiros dizem que os jovens franceses estão revoltados com o fato de a lei não lhes garantir a permanência no emprego, sendo que depois de dois anos eles podem ser mandados embora sem justa causa. Mas, como já é tão comumente embutido na cabeça das pessoas que a garantia do emprego é de responsabilidade própria, elas ficam mais confusas ainda com a revolta na França.

Assim como aconteceu em outubro e novembro de 2005, quando repercutiram no Brasil as manifestações dos imigrantes na França, a Grande Mídia simplificou toda a ação ao velho conceito de que os pobres são marginais. Nada mudou até as manifestações atuais. Enquanto se propaga a idéia de baderna na França, partidos de esquerda no Brasil apóiam as manifestações francesas, assim como sindicatos brasileiros e internacionais. Todos com o intuito de mostrar com maior clareza os acontecimentos, de forma diferente do que aparece na Grande Mídia. Mesmo que o acesso a essas posições seja mais restrito e sem divulgação.

À explicação do Contrato do Primeiro Emprego, como lei que restringe os direitos dos trabalhadores, somam-se os conceitos neoliberais. À manifestação dos estudantes, somam-se os trabalhadores jovens. A maioria da população francesa decide-se contra a nova lei, não é só a popularidade do governo que cai. A França é um país resistente, não um país de baderneiros. Assim, tudo que repercutiu nos grandes jornais brasileiros pode ser adicionado de novos conceitos e muitas explicações, já que os acontecimentos franceses foram noticiados de maneira tendenciosa, para justificar as atitudes neoliberais. Mesmo assim, o movimento estudantil brasileiro e a mídia alternativa conseguiram mostrar para parte da população uma versão mais completa dos fatos. E para essas pessoas a manifestação não foi despropositada, nem feita por baderneiros e vândalos,

mas sim por uma população que resiste e luta por melhores condições de vida.